

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LINGUÍSTICA

MICHELLE SILVA VELOSO BUENO

**ESCRITA E SILENCIAMENTO:
OS BANHEIROS FEMININOS DA UFSCAR COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA**

SÃO CARLOS
2025

MICHELLE SILVA VELOSO BUENO

ESCRITA E SILENCIAMENTO: OS BANHEIROS FEMININOS DA UFSCAR COMO
ESPAÇO DE RESISTÊNCIA

Monografia de Conclusão de Curso
apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharel em
Linguística pela Universidade Federal de
São Carlos.

Orientador: Professor Doutor Roberto
Leiser Baronas.

São Carlos
2025

Bueno, Michelle.

Nº Cutter Escrita e silenciamento: os banheiros femininos da UFSCar como
 espaço de resistência /Michelle Silva Veloso Bueno. —2025.

39 f.

Trabalho de Conclusão de Curso de Linguística – Universidade
Federal de São Carlos, São Carlos, 2025

1. paratopia. 2. heterotopia. 3. resistência. I. Título.

CDD [número da CDD].

FOLHA DE APROVAÇÃO

MICHELLE SILVA VELOSO BUENO

ESCRITA E SILENCIAMENTO: OS BANHEIROS FEMININOS DA UFSCAR COMO
ESPAÇO DE RESISTÊNCIA

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Bacharelado em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Orientador: Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas

Data de aprovação: 24/07/2025.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Luzmara Curcino Ferreira

Instituição: Universidade Federal de São Carlos

Assinatura:

Profa. MSc. Elisângela Dias Saboia

Instituição: Instituto Federal de Mato Grosso

Assinatura:

DEDICATÓRIA

Ao meu marido, que sempre me apoiou e me incentivou, e à minha filha, que me ensina todos os dias como ser uma pessoa melhor e com mais organização.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas, pela condução dessa pesquisa e pela imensa confiança que depositou em mim ao incentivar a realização desta monografia.

Às professoras Luzmara Curcino Ferreira e Elisângela Dias Saboia, expresso minha gratidão pela disponibilidade em dedicarem seu tempo à leitura deste trabalho.

À minha querida amiga de curso, Júlia da Costa Santos, por ter dedicado parte de seu tempo para me ajudar na coleta de dados para compor meu corpus e conseguir realizar esta pesquisa.

Muito obrigada!

“Nossa fala estilhaça a máscara do
silêncio.”

(Evaristo, 2017)

RESUMO

Este trabalho analisa uma relação bem peculiar de enunciados escritos nos banheiros femininos dos ATs (blocos de salas de aulas) da UFSCar, mais especificamente aqueles escritos que atuam como formas de resistência e manifestação de vozes silenciadas. O corpus é composto por doze enunciados que denunciam assédio, racismo, autoritarismo e conflitos institucionais. A pesquisa adota o procedimento analítico que busca romper com os sentidos tomados como evidentes nos textos e traz à tona contradições, silenciamentos e processos de resistência, com base em autores como Pêcheux (2012), Maingueneau (2007, 2013) e Foucault (2013). As análises são feitas em três níveis: sintático, semântico e discursivo, considera-se também conceitos como paratopia, heterotopia e resistência. O estudo mostra que, mesmo sendo um espaço marginal dentro da universidade, o banheiro torna-se um lugar de fala e denúncia, em que vozes que normalmente não têm espaço nas instâncias formais encontram expressão. O caráter desinstitucionalizado desse espaço não convencional de escrita, não apenas acolhe conteúdos e temas diversos, como também se manifesta de formas variadas, incluindo desvios da norma considerada padrão. Em sua variedade, são plenas de sentidos e aquelas com orientação semântica de denúncia carregam marcas de dor, raiva, pertencimento e luta. A pesquisa destaca a importância de observar espaços marginais e como eles são usados para romper silenciamentos ignorados pela instituição. Como continuidade, sugere-se ampliar o corpus e analisar também os banheiros masculinos para entender outras formas de manifestação.

Palavras-chave: silenciamento; resistência; paratopia; heterotopia; banheiros femininos; universidade.

ABSTRACT:

This study analyzes phrases written on the walls of women's restrooms in the academic blocks (ATs) at UFSCar, understanding these writings as forms of resistance and expressions of silenced voices. The corpus consists of twelve phrases denouncing harassment, racism, authoritarianism, and institutional conflicts. The research adopts an analytical procedure aimed at breaking with apparent meanings in the texts, revealing contradictions, silencing, and resistance processes, based on authors such as Pêcheux, Maingueneau, and Foucault. Analyses are conducted at three levels: syntactic, semantic, and discursive, also considering concepts like paratopia, heterotopia, and resistance. The study shows that, despite being a marginal space within the university, the restroom becomes a site of speech and denunciation where voices that usually lack formal platforms find expression. The phrases do not necessarily follow standard norms but still produce meaning and carry marks of pain, anger, belonging, and struggle. These utterances challenge the idea of adherent discourse and reveal a discourse full of conflicts and silencing. The research highlights the importance of paying attention to marginal spaces and how they are used to break institutional silencing. As a continuation, it is suggested to expand the corpus and analyze men's restrooms to understand other forms of manifestation.

Keywords: silencing; resistance; paratopia; heterotopia; women's restrooms; university.

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
3 METODOLOGIA DE PESQUISA E COLETA DE DADOS.....	19
4 ANÁLISE DE DADOS.....	22
4.1 Considerações iniciais sobre o corpus.....	22
4.2 Análise dos enunciados: sintaxe e semântica.....	23
4.3 Análise dos enunciados: discursiva.....	32
5 CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

Os enunciados escritos nos banheiros, desde as mais banais às mais íntimas e devastadoras, são enunciados de significados profundos, inscritas em discursos em um ambiente marginal. Dito isto, este trabalho tem o intuito de estudar enunciados escritos nos banheiros femininos dos AT's (blocos de salas de aulas) da UFSCar, no campus de São Carlos. Para a seleção do corpus, foram coletados enunciados que indicassem uma denúncia feita nas paredes dos banheiros da universidade – um local institucionalizado –, ou seja, que remetesse à instituição universitária. À luz de princípios da Análise do Discurso, iremos nos mobilizar mais especificamente no conceito de “paratopia” de Dominique Maingueneau, mas também traremos conceitos de “heterotopia” de Michel Foucault e de “resistência” de Michel Pêcheux. Por questões de ética, adotaremos pseudônimos em enunciados com citação de nomes próprios.

Neste trabalho, adotamos o termo “denúncia” não no sentido de respaldo oficial, uma vez que não há como confirmar se as alunas formalizaram tais relatos nos canais institucionais apropriados. Utilizamos o termo para designar uma forma de enunciação das dores que, por diferentes motivos, manifestam-se nessas inscrições, como um “grito” simbólico dessas mulheres.

Diferentemente dos discursos formais e acadêmicos, a escrita nos banheiros é um espaço em que vozes silenciadas encontram expressão, com significados profundos. Além disso, o banheiro, como um ambiente isolado, privado e temporário, é um espaço em que as pessoas podem se sentir mais à vontade para expressar suas ideias sem a vigilância de um público formal. Isso pode influenciar diretamente a natureza das mensagens (ou seja, mais pessoais, mais livres, mais resistentes). Sendo os banheiros espaços marginalizados com relação às expressões discursivas, seus escritos podem ser apagados, mas não antes de se tornarem memórias e de possibilitarem conexões emocionais, trocas de experiências e ideias, reflexões e até protestos. Esses ambientes não são apenas receptores de pichações e expressões efêmeras; são locais de trocas e de expressões das muitas vozes femininas silenciadas na universidade.

Este estudo visa analisar os escritos encontrados nos banheiros femininos da UFSCar, compreendendo-os como um discurso marginal que, embora sujeito ao apagamento, constitui um espaço de resistência e expressão de vozes silenciadas. Nossa pergunta de pesquisa é: como os escritos nos banheiros femininos da UFSCar operam como um discurso marginal e, ao mesmo tempo, como um espaço de resistência e expressão de vozes silenciadas?

Neste sentido, o objetivo geral da pesquisa é analisar os escritos encontrados nos banheiros femininos da UFSCar como um discurso marginal, explorando como esse espaço de expressão se configura como uma forma de resistência e de manifestação de vozes silenciadas dentro do ambiente universitário.

A partir desta pergunta temos a hipótese: há uma troca de experiências e vivências que reforçam a ideia de pertencimento e apoio mútuo. Embora os escritos nos banheiros sejam temporários e sujeitos ao apagamento, eles ainda possuem um impacto duradouro naqueles que os leem, pois permitem a construção de um espaço de reflexão e solidariedade, mesmo que por um curto período.

A pesquisa adota uma abordagem analítica e discursiva, ancorada na Análise do Discurso de linha francesa, especialmente nas perspectivas propostas por Michel Pêcheux (2012) e Dominique Maingueneau (2007, 2013). A análise parte da concepção de que o discurso é atravessado por ideologia, memória e relações de poder, permitindo compreender os escritos encontrados nos banheiros femininos da UFSCar como formas de resistência e inscrição de sujeitos silenciados. A metodologia será mais bem detalhada ao longo do trabalho, com foco na relação entre linguagem, posicionamento e espaço institucional.

Inicialmente nossa pesquisa permeava pelos meandros dos textos de Dominique Maingueneau, mais precisamente com os textos *Frases sem texto* e *Enunciados aderentes*.

Contudo, ao aprofundarmos as leituras e a análise do corpus coletado, percebemos que os conceitos abordados por Maingueneau (2022), especialmente em *Frases sem texto* e *Enunciados aderentes*, não contemplam plenamente as mensagens deixadas nos banheiros femininos da UFSCar. Isso porque em *Frases sem texto*, Maingueneau analisa frases em que mesmo desvinculadas ao texto, “têm tanto poder de impregnação que podem se destacar a ponto de circularem em textos

que não mais apresentam relação com sua origem” (Martinez; Melo; Moraes, 2023, p. 121).

Portanto, esta pesquisa defende que os enunciados encontrados nos banheiros femininos da UFSCar não são frases sem texto, já que não são frases retiradas de algum texto preexistente; são silêncios expostos de cada uma dessas mulheres. Quando vemos uma frase como “Quero me suicidar” escrita na porta de um banheiro universitário, é uma mulher em desespero, e, ali, no banheiro, no silêncio e na marginalidade, talvez seja o único lugar em que essa mulher possa fazer um pedido de socorro. Então não são enunciados destacados que circulam em outros meios.

Já em relação aos enunciados aderentes, propostos por Dominique Maingueneau (2022), os escritos nos banheiros não se enquadram nessa categoria. Para um enunciado ser aderente precisa ter contiguidade com um objeto, ou melhor, esse enunciado precisa ter um propósito para o objeto em que se insere. Isto não ocorre com os enunciados analisados nesta pesquisa, pois o local de inserção dos enunciados não exige uma relação específica com os enunciados silenciados nos banheiros da UFSCar.

Não basta estabelecer uma contiguidade entre um enunciado e um objeto para os enunciados aderentes existirem. Um cartaz de propaganda eleitoral colado sem autorização em um poste, apesar de aderir a ele fisicamente, não constitui um enunciado aderente. Não há relação de atribuição entre esse cartaz e o objeto sobre o qual ele foi colado. Certamente, o cartaz produz efeitos no poste – no mínimo muda sua aparência –, mas não foi concebido especificamente para esse tipo de suporte (Maingueneau, 2022, p. 16).

A presente pesquisa está organizada em cinco seções: Introdução, Fundamentação teórica, Metodologia, Resultados/discussão e Conclusão.

Na Fundamentação Teórica, apresentamos os principais referenciais que embasam a análise, com destaque nas contribuições de Michel Foucault, Dominique Maingueneau e Michel Pêcheux.

A Metodologia descreve os caminhos percorridos para a constituição do corpus e os procedimentos de análise, justificando as escolhas que possibilitaram compreender os escritos como práticas discursivas e formas de resistência.

Em seguida, em Resultados/ discussão trazem a análise dos enunciados coletados, em articulação com os conceitos teóricos mobilizados. Por fim, a Conclusão retoma os principais achados da pesquisa e aponta possíveis desdobramentos para investigações futuras.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quando entramos num banheiro e nos deparamos com uma infinidade de “rabiscos”, sejam nas portas ou paredes, é quase impossível não parar um tempinho e ler aqueles enunciados que por vezes são poéticos, de denúncias, pornografias ou apenas coisas que não identificamos. Quando esses escritos são encontrados em banheiros femininos e dentro de uma universidade, o peso torna-se maior, pois são enunciados reunidos num ambiente institucionalizado, muitos levam o nome da instituição em si.

Ao encontrar um enunciado com teor de denúncia, por exemplo, que leve o nome da UFSCar, nos faz pensar em por que uma aluna faria uma denúncia nas paredes ou nas portas de um banheiro, ou, indo mais a fundo, por que a escolha de um lugar marginalizado, no sentido de estar aquém da instituição, para tocar num ponto tão sensível em suas vidas. Não podemos saber se as denúncias foram formalizadas, não há como sabermos quem as fez. Nosso objetivo neste trabalho é: analisar os enunciados encontrados nos banheiros femininos da UFSCar como um discurso marginal, explorando como esse espaço de expressão se configura como uma forma de resistência e de manifestação de vozes silenciadas do ambiente universitário.

Diante disso, a fim de compreendermos a “marginalidade” do espaço físico dos banheiros, em especial dos femininos, mobilizaremos o conceito de “heterotopia” de Michel Foucault. Segundo Foucault, na Idade Média, o espaço era visto como um sistema fechado e hierarquizado, havia uma ordem clara para cada coisa, porém quando Galileu Galilei descobriu que a Terra girava em torno do Sol, ele não apenas revolucionou a Física, mas transformou a forma como entendemos o espaço: as coisas não estavam mais em seu devido lugar, agora há uma ideia de infinitude, de movimento e fluidez. Agora o espaço não era fixo, ele dependia de suas relações.

Quando lemos aqueles enunciados nos banheiros femininos da UFSCar, estamos num espaço também de fluidez, no sentido em que é um espaço não convencional, onde podemos expressar nossas opiniões ou angústias sem represálias institucionais ou de quem quer que seja. Aqueles escritos nas paredes

não estão fixos ou institucionalizados, há uma relação de sentidos ali, há uma conexão entre aquelas mulheres – muitas mensagens recebem respostas e sobreposições. Há uma espécie de sacralização – termo foucaultiano – do espaço, pois o objetivo inicial do banheiro não é a escrita, como forma natural vemos o banheiro como um local marginal – destinado ao que é fisiológico, escuso e sujo. Mas quando a escrita, ali, rompe o silêncio e cria uma “comunidade”, transformamos um “lugar de ninguém” em um lugar de múltiplas vozes: há uma “dessacralização” daquele ambiente.

Por outro lado, há uma sacralização do próprio ato de escrever ali, porque a escrita ganha um valor simbólico, afetivo e político muito forte. O “lugar de ninguém” torna-se um lugar de vozes, de escuta, de resposta, de partilha — quase um ritual íntimo e coletivo. O espaço é revalorizado, o que antes era sujo e escuso torna-se um local da palavra que fora silenciada.

O banheiro é um espaço que está fora dos discursos legitimados (da universidade, da ciência, da mídia), mas também é um espaço de dentro da instituição, um espaço carregado de dores, sentimentos etc. Ele não é um espaço neutro ou homogêneo, ele está marcado por vozes silenciadas em outros espaços da universidade. O banheiro está ligado aos espaços da instituição – assim como as salas de aulas e os laboratórios –, mas ele contesta essa relação, pois é um espaço em que se pode dizer o que não se diz em outros espaços. Embora seja possível escrever em outros locais, o banheiro funciona como um espaço marginalizado que permite àquelas vozes silenciadas se manifestar com menor risco de retaliação.

O banheiro funciona como uma “heterotopia”: um lugar real e concreto, mas que é atravessado por práticas discursivas que desafiam as normas, os poderes e os silenciamentos. É um espaço de resistência dentro de um espaço de poder. Tal como é definido por Michel Foucault:

Espécies de contra-aloções, espécies de utopias efetivamente realizadas, nas quais as aloções reais, todas as outras aloções reais que podem ser encontradas no interior da cultura, são simultaneamente representadas, contestadas e invertidas; espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora sejam efetivamente localizáveis. (Foucault, 2013, p. 115)

Dentro desse espaço de resistência, essas mulheres enunciam, e entre tudo que enunciam, fazem suas denúncias – sejam de situações de violência, de crítica

ao sistema educacional etc. Pensando nos conceitos de Dominique Maingueneau, o fato de fazer a denúncia, tendo na escrita do banheiro uma função social e política, de ter como propósito transmitir uma mensagem, podemos chamar de “cena englobante”. Já a “cena genérica” seria o gênero denúncia nas paredes e portas dos banheiros. Por fim, o banheiro sendo esse ponto intermediário entre o cotidiano das pessoas e o mundo exterior, traz um simbolismo e uma materialização do discurso, mesmo sendo um discurso “sem rosto”, anônimo.

Aqui podemos trabalhar o conceito de “cenografia”, de Maingueneau, cuja ideia baseia-se em criar uma encenação. Explicando melhor: uma pessoa que frequentou o banheiro feminino tem uma denúncia a fazer (o que seria a situação real), mas ela a faz anonimamente, sem dar todos os detalhes, de forma que essa pessoa transmite sua mensagem como se transmitisse uma carta ou um bilhete para que outras pessoas pudessem saber do ocorrido.

As cenografias se apoiam em cenas de fala já validadas na cultura: situações de comunicação caracterizadas pelos gêneros, mas também eventos únicos de fala (por exemplo, o discurso de 28 de agosto de 1963 de M. Luther King que se inicia com “I have a dream...”). Nesse caso, “validado” não quer dizer “valorizado”, mas “já instalado no universo de saber e de valores do público” (Maingueneau, 2013, p. 191).

Outros conceitos pertinentes seriam o de “topografia” e de “cronografia”, estes conceitos estão relacionados à maneira como o discurso se organiza em termos de espaço e tempo, respectivamente.

Portanto, dentro de uma “cena englobante” (por exemplo, uma mulher fazendo um enunciado no banheiro), podemos analisar cada enunciado de denúncia deixado nas paredes de um lugar marginal, de forma anônima, dentro de uma organização espacial de discurso, ou seja, de uma “topografia” – banheiro como local marginalizado que, ainda assim, permite que os sujeitos se posicionem discursivamente –, e, também, com uma organização temporal, chamada de “cronografia”, aqui podemos analisar, dentro de um espaço específico e uma situação específica, um determinado período de acontecimentos.

Esmiuçando os conceitos, podemos dizer que dentro de uma “cena enunciativa” (como é o caso deste trabalho) tendo o banheiro como espaço marginal

e de resistência, constrói-se um “cenário discursivo”, que é a “cenografia” – composto por uma voz anônima que assume a posição de sujeito do dizer, isto é, aquele que denuncia. Essa enunciação ancora-se em um espaço e tempo específicos (“topografia” e “cronografia”, respectivamente).

Se, por exemplo, há uma denúncia como “NA PEDAGO ESTUPRADOR OCUPA OS ESPAÇOS”, teríamos: “NA PEDAGO”, um espaço institucionalizado, já que pertence à universidade; “OCUPA OS ESPAÇOS” indica que isso ainda ocorre naquela topografia e cronografia; temos, também, uma mulher que rompeu seu silêncio por meio da inscrição no banheiro. Então, seria uma cena enunciativa situada num contexto heterotópico, em que se sustenta um discurso de denúncia, rompendo silêncios institucionais e permitindo que outras mulheres possam se proteger.

Perceba que temos, num contexto heterotópico – o banheiro como espaço marginal –, um discurso “institucionalizado”, por falar de um curso da universidade, mas que está inserido fora do espaço convencional que seria uma denúncia formal. Seria um discurso “paratópico”, conforme Maingueneau, por estar relacionado à universidade, mas a inscrição feita no banheiro não legitima a denúncia. A denúncia pertence à universidade, mas a constituição dela num espaço heterotópico a deslegitima e a deixa sem pertencimento oficial. Mas, mesmo assim, é uma inscrição que rompe as barreiras do silêncio e deixa o registro perpetuar nas memórias e vozes de outras mulheres do campus. Maingueneau define “paratopia”den como “uma localização parasitária, que retira vida da própria impossibilidade de estabilizar-se” (2006, apud Oliveira, 2015, p. 373).

Como reforçam Baptista e Vasconcellos (2023, p. 275), “a paratopia é concebida como um aspecto nem social nem textual, mas puramente enunciativo, na imbricação entre as condições da obra e sua produção”. Isso significa que a paratopia não se limita apenas ao texto ou ao contexto social, mas está inserida no campo enunciativo. Sendo assim, quem fala, o que fala e para quem fala importam, pois há um sujeito que denuncia para toda a comunidade universitária. Ou seja, há um deslocamento desse sujeito no âmbito discursivo tradicional – o sujeito não obteve a legitimação necessária de sua denúncia – e uma busca por pertencimento discursivo.

Assim, a busca pelo pertencimento, mesmo sem o respaldo oficial, é uma forma de aderir a uma resistência discursiva. Desse modo, a paratopia, enquanto lugar de busca pelo pertencimento, cria um ambiente propício para um discurso de resistência.

Para Michel Pêcheux (2012, p. 15), o acontecimento é o “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”. Sabendo que a memória parte de um já-dito, ou seja, todos os nossos discursos partem de ideias preexistentes, o acontecimento é o ponto de ruptura entre tais ideias preexistentes e o que ocorre hoje referente ao discurso. Por exemplo, em uma denúncia feita nas paredes dos banheiros femininos, temos uma aluna que rompeu um fluxo previsto como natural na instituição – denúncia pelas vias formais –, para um novo fluxo, com novos efeitos de sentido. Isso porque, essa denúncia anônima, realizada em um banheiro, quebra um silêncio e convoca novas vozes – quase sempre há respostas nos dizeres dos banheiros.

Compreendidos os conceitos de paratopia, resistência e acontecimento discursivo, passamos, agora, à metodologia e, posteriormente, à análise das inscrições presentes nos banheiros femininos da UFSCar, observando como essas vozes marginalizadas se constituem discursivamente nesses espaços.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA E COLETA DE DADOS

Esta pesquisa apoia-se na Análise do Discurso de linha francesa, especialmente na perspectiva proposta por Pêcheux (2012), que compreende o discurso como atravessado por relações ideológicas, posições de sujeito e condições de produção. Para isso, adotamos o procedimento analítico, que busca romper com os sentidos tomados como evidentes nos textos, trazendo à tona contradições, silenciamentos e processos de resistência.

Como explica Maingueneau (2005), esse procedimento é diferente do integrativo, que tenta articular texto e contexto de forma mais comunicacional. O analítico, ao contrário, se interessa por mostrar como os discursos produzem sentidos dentro de uma rede interdiscursiva, evidenciando o que está naturalizado e analisando os efeitos de sentido nos enunciados.

A análise parte, portanto, do pressuposto de que o discurso não é neutro nem transparente. Ele está ligado a um lugar social e institucional, e seu sentido depende da posição de quem fala e das condições históricas de produção. É por essa razão que não analisamos apenas "o que está sendo dito" (unidades tópicas), mas também como se diz, de onde se diz e quem pode dizer (unidades não tópicas), compreendendo o discurso como prática social e política.

Neste trabalho, ao analisar os enunciados presentes nos banheiros femininos da UFSCar, consideramos dois tipos principais de unidades discursivas, conforme proposto por Dominique Maingueneau (2007): as unidades tópicas e as unidades não tópicas. As unidades tópicas dizem respeito ao conteúdo temático dos escritos – ou seja, aos assuntos abordados nos enunciados, como denúncias de assédio, críticas à universidade, manifestações feministas e pedidos de apoio. Já as unidades não tópicas referem-se a aspectos que não estão ligados apenas ao conteúdo, mas ao modo como esse discurso se constrói: a extensão breve, o léxico comum, o uso de vocativos, a ausência de assinatura, o tom e o gênero “denúncia”, a própria escolha do banheiro como lugar de enunciação.

Essas marcas revelam o posicionamento dos sujeitos que escrevem, seus modos de resistir e se inscrever no espaço institucional, mesmo de forma anônima ou marginal. Essa distinção é importante porque permite observar, dentro da

perspectiva analítica da AD de base pecheutiana, tanto o que é dito quanto como e de onde se diz.

É importante destacar que, neste trabalho, compreendemos a linguagem não como simples manifestação de um pensamento prévio, mas como aquilo que molda, produz e provoca o pensamento. Esta perspectiva, entende que o sentido não está dado de forma fixa nas palavras, mas se constrói nas práticas discursivas, nas condições de produção e nas relações entre os sujeitos. Sendo assim, em nossas análises focaremos não apenas no sentido literal das palavras (semântica), nem nas estruturas dos enunciados (sintática), mas também, como o sentido das mensagens é construídos na interação com os falantes.

Segundo o artigo *A frase portuguesa: uma visão lógico-semântica e sua estruturação sintática*:

A linguística não poderia desprezar, em qualquer análise que pretendesse descrever a língua de maneira coerente, um dos componentes básicos, possivelmente o que devesse ser o ponto de partida, que é o componente semântico. Este constitui exatamente o elo entre o ainda indivisível fenômeno mental que elabora a linguagem e o plano palpável da expressão. Por isso mesmo os estudos linguísticos mais recentes passaram a privilegiar a semântica. (Ignácio, 1987, p. 2)

Evanildo Bechara (2009, p. 337), considerando a gramática tradicional, define oração como sendo o que “se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o verbo (ou sintagma verbal) que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas entre as quais se estabelece a relação prediativa – o sujeito e o predicado.” Entretanto, abordagens mais funcionalistas e discursivas ampliam esse entendimento, deslocando o foco da estrutura interna da oração para seu funcionamento no discurso.

Ignácio (1986/1987), retomando ideias de Mattoso Câmara, apresenta a oração como uma forma mais elaborada da frase, marcada por três características principais: (1) a intenção de agir sobre o interlocutor, isto é, seu propósito comunicativo; (2) uma curva específica de entonação, distinta da melodia individual dos elementos linguísticos; e (3) uma conexão interna entre os elementos componentes, que revela uma forma gramaticalmente organizada tanto do ponto de vista interno (significações gramaticais) quanto externo (realizações morfossintáticas).

Essa diferença mostra que podemos entender a oração de dois jeitos: como estrutura da língua (mais ligada à gramática) ou como parte do discurso (mais ligada à intenção e à comunicação). Nessa visão ampliada, a oração não é só uma combinação de sujeito e predicado, mas também um ato de linguagem, que carrega sentidos, intenções e está ligada ao contexto em que aparece.

Essa forma de ver a oração é importante em análises discursivas, como neste trabalho, que trata de mensagens escritas em banheiros públicos — enunciados que, muitas vezes, não seguem a estrutura tradicional da oração, mas que ainda assim produzem sentido por meio da entonação, da repetição, da fragmentação ou mesmo da ausência de um sujeito claro.

Por isso, a definição tradicional de oração, embora ainda válida, precisa ser repensada quando observamos como a linguagem funciona de verdade, especialmente em contextos de resistência ou silenciamento, em que os discursos nem sempre seguem as regras da gramática padrão.

No modelo da gramática funcionalista, a ênfase não está apenas em classificar estruturas fixas, mas em observar e descrever como os elementos funcionam na construção do sentido e na interação discursiva. Por isso, analisaremos para além da gramática normativa, adentrando no terreno de tensão entre a norma-padrão e o uso real da língua.

4 ANÁLISE DE DADOS

Seguem as análises e considerações dos enunciados encontrados.

4.1 Considerações iniciais sobre o corpus

Nosso corpus contém 12 enunciados retirados dos banheiros femininos de ATs da UFSCar, que remetem a denúncias relacionadas à UFSCar, seja a instituição propriamente dita, seja a algum anexo da UFSCar ou até mesmo aos professores ou alunos da instituição.

Estes enunciados foram divididos em: assédio e abuso de professores e alunos; racismo e autoritarismo e entidades estudantis.

Em “assédio e abuso de professores e alunos”, encontram-se os seguintes enunciados:

- 1) UFSCAR, POR QUANTOS ASSÉDIOS DE PROFESSORES EU TENHO QUE PASSAR PRA PODER ME FORMAR?
- 2) TEM UM ABUSADOR ESCONDIDO NA LIBRAS
- 3) JOÃO ABUSADOR
- 4) NA PEDAGO ESTUPRADOR OCUPA OS ESPAÇOS
- 5) FELIPE ABUSADOR
- 6) KAUÊ ABUSADOR

Em “racismo e autoritarismo”, temos:

- 7) BRUNA SILVA DO DS É RACISTA
- 8) ORGANIZAÇÃO DA SEMANA DA EDUCAÇÃO 2019 É RACISTA
- 9) NO DS TEM PROFESSORA RACISTA!

Em “entidades estudantis”, temos:

- 10) BATERIA UFSCAR TÓXICA PRA CARALHO!
- 11) ATLÉTICA É VIOLÊNCIA
- 12) CA ILEGAL E CARA DE PAU

4.2 Análise dos enunciados: sintaxe e semântica

a) UFSCAR, POR QUANTOS ASSÉDIOS DE PROFESSORES EU TENHO QUE PASSAR PRA PODER ME FORMAR?

Quadro 1 – Análise sintática conforme a norma-padrão

Elemento da frase	Classificação sintática
UFSCAR	Vocativo
EU	Sujeito simples da oração principal.
TENHO QUE PASSAR	Tenho - verbo auxiliar; Passar – verbo principal; Que – partícula integrante
POR QUANTOS ASSÉDIOS DE PROFESSORES	Objeto indireto do verbo passar
PRA PODER ME FORMAR	Oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo

Análise sintática segundo a perspectiva funcionalista:

“UFSCAR” – É um marcador discursivo, que interpela o interlocutor. Como vocativo é um termo que faz um chamamento, mas mais do que isso, ele nomeia o interlocutor e chama a atenção deste para a interação discursiva.

Ao usar um Vocativo, o falante, dentre outras coisas, procura levar o interlocutor a prestar atenção no que será dito, está sendo dito ou foi dito, seguindo o princípio de que uma condição básica para a efetivação da interação é que o interlocutor esteja (minimamente) atento ao evento interacional. Ao fazer isso, o falante está justamente tentando obter o envolvimento do seu interlocutor com a interação verbal. (Penhavel e Guerra, 2013, p. 122)

“POR QUANTOS ASSÉDIOS DE PROFESSORES” – Segundo Maria Helena de Moura Neves (2010, p. 610), “Por quanto é uma construção com duas palavras: o

elemento de junção (preposição) por e o quantificador ou o intensificador quanto”, ou seja, aqui, há uma intenção de frisar o excesso de casos de assédios ocorrendo. Quem fala tem uma intenção de comunicar o(s) fato(s) ocorridos na instituição. Há um efeito de sentido gerado pela não exatidão de um número. Assédio é o termo da denúncia em si; professores é um termo que restringe quem de fato está cometendo o ocorrido.

“EU TENHO QUE PASSAR” – “eu” é o sujeito, aquele que faz a ação de denunciar; mas é um “eu” que ultrapassa o indivíduo e sua experiência pessoal, com a denúncia esse “eu” abarca uma realidade de outras mulheres na mesma situação. Como diria Freda Indurski (1992, p. 88), a “não-pessoa discursiva remete para grupos lexicalmente não-nomeados que se associam ao sujeito do discurso”, ou seja, este “eu” funciona discursivamente como um “nós” coletivo. O uso do verbo “tenho”, conjugado na 1ª pessoa do singular, indica um dever. Já o verbo “passar” indica a que meu dever serve. O enunciado “pra poder me formar” traz a finalidade para a qual minha obrigação serve.

“PRA PODER ME FORMAR” – o enunciado indica a finalidade, é uma resposta ao sofrimento da aluna para alcançar aquilo que deveria ser um direito dela. Ela parte da premissa de querer se formar e, ao mesmo tempo, está sofrendo um assédio por estar tentando se formar. É como se ela tivesse que suportar o assédio para poder se formar.

Análise semântica:

Quando colocamos UFSCar como vocativo, estamos ativando um universo semântico, temos um questionamento feito com direcionamento à instituição (UFSCar), isso nos induz a pensar que há uma cobrança – uma responsabilização – sendo feita à instituição. Ao utilizar um quantificador (quantos) no plural, indica que a autora do enunciado vivencia e muito provavelmente continuará vivenciando, dando uma ideia de continuum – há uma pressuposição de eventos anteriores. A autora cria uma escala argumentativa, apesar de ser uma interrogação direta, temos uma ideia afirmativa, pois é um fato que pressupõe sua existência.

A autora usa o vocábulo “assédios”, no plural, mantendo a ideia de continuidade, como se ela vivesse esses assédios repetidamente. Além disso, ela escolhe como léxico a palavra assédios, que, no sentido figurado, segundo o dicionário online Michaelis é “Insistência impertinente, em relação a alguém, com declarações, propostas, pretensões etc.” Ou seja, uma pessoa ou mais está cometendo impertinências de forma repetida. Ao utilizar o termo “professores”, também pluralizado, faz uma referência direta ao autor(a)/autores(as), aqui há um apontamento de culpados, apesar de não termos nomes diretos, há uma responsabilização de toda uma classe profissional constituída dentro da instituição.

A utilização do “eu”, explicitando o sujeito ou aquele que enuncia, impõem uma voz de autoria, mesmo essa voz estando sem identificação, há um “grito” que representa várias vozes silenciadas (um “nós” coletivo), mesmo dentro de um lugar marginalizado. Ao dizer “eu tenho que passar”, a autora está impondo sua voz, como quem diz: eu estou passando e continuarei passando por isso e eu sei o que, de fato, está acontecendo aqui. Por fim, quando ela enuncia “pra poder me formar”, há uma ideia de finalidade, pois o objetivo de se formar é uma etapa obrigatória da fase acadêmica, portanto ela denuncia uma naturalização de violência institucional.

b) TEM UM ABUSADOR ESCONDIDO NA LIBRAS

Quadro 2 – Análise sintática (norma-padrão)

Elemento da frase	Classificação
TEM	Verbo impessoal
UM ABUSADOR ESCONDIDO	Objeto direto
NA LIBRAS	Adjunto adverbial de lugar

Observações:

O verbo “ter” está no sentido de “haver” ou “existir”, por isso é impessoal → não tem sujeito.

Todo o enunciado está construído como uma afirmação de existência, em estrutura coloquial.

Análise sintática segundo a perspectiva funcionalista

“TEM” – O verbo “ter” no sentido de “haver” é uma construção mais acessível e mais eficaz neste sentido porque estabelece mais proximidade.

“UM ABUSADOR ESCONDIDO NA LIBRAS” – é a denúncia em si. Constrói um efeito de sentido alarmante.

Análise semântica

A escolha do verbo “ter” no lugar do verbo “haver” transmite uma existência mais profunda, uma vez que o verbo “haver” traz uma ideia de existência, mas quando o verbo “ter” assume este papel, também traz consigo o efeito de certeza, como se a existência fosse ainda mais enfática.

O uso do artigo indefinido “um” traz uma ideia de existência do abusador, porém uma indefinição de quem realmente seja. Traz um efeito de denúncia anônima, pois a autora do enunciado provavelmente conhece o abusador, mas não quis dizer de quem se tratava.

A escolha do termo “escondido” traz um campo semântico de invisibilidade, talvez até de impunidade. Sugere que alguns o conheçam – talvez até a própria instituição – e, mesmo assim, optam por esconder ou fingir desconhecimento.

O fato de ser “na libras”, reforça o vínculo institucional com uma acusação direta a um curso. Por ser em um curso que traz a ideia de inclusão, o fato talvez seja ainda mais chocante.

Portanto, há um abusador em um curso que deve ser, por natureza, mais inclusivo que os outros, que está sendo acobertado por alguns.

c) NA PEDAGO ESTUPRADOR OCUPA OS ESPAÇOS

Quadro 3 – Análise sintática (norma-padrão)

Elemento da frase	Classificação
NA PEDAGO	Adjunto adverbial de lugar
ESTUPRADOR	Sujeito simples
OCUPA	Verbo transitivo direto
OS ESPAÇOS	Objeto direto

Análise sintática segundo a perspectiva funcionalista

“NA PEDAGO” – um marcador que delimita o espaço.

“ESTUPRADOR” – indica o responsável pela ação. É um qualificador.

“OCUPA OS ESPAÇOS” – ocupar é estar mais do que presente, o responsável está por toda a parte no curso, pode remeter também à ocupação de cargos altos dentro do curso.

Análise semântica

O início do enunciado remete ao curso de Pedagogia, um curso que lida com crianças, que foi corrompido pela presença de um estuprador. Ao escolher o termo “estuprador”, a autora afirma saber o que este indivíduo fez e faz em sua posição dentro do curso. Não se trata de um mero insulto, mas de atribuir um fato criminoso ao responsável. Por ele ocupar espaços, traz uma ideia de permanência, aquele indivíduo – tido como masculino pela autora – tem uma “proteção” institucional, possivelmente tem um cargo dentro do curso.

Portanto, o enunciado acusa diretamente uma proteção institucional deste indivíduo. Por se tratar de um curso que lida com ensino infantil, o apelo de urgência é ainda maior.

d) JOÃO ABUSADOR; FELIPE ABUSADOR E KAUÊ ABUSADOR

Quadro 4 – Análise sintática (norma-padrão)

Elemento da frase	Classificação
JOÃO ABUSADOR; FELIPE ABUSADOR; KAUÊ ABUSADOR.	Frases nominais.

Observações:

Há ausência de verbo (elipse do verbo ser – é). Cada nome próprio é seguido de um substantivo com valor de adjetivo.

Se houvesse a presença do verbo, “abusador” seria um predicativo do sujeito. Por exemplo: João é abusador.

Análise sintática segundo a perspectiva funcionalista

Os sujeitos têm seus nomes explícitos, são os alvos das denúncias. O termo “abusador” é um rótulo discursivo, traz um julgamento social.

Análise semântica

As denúncias nomeiam seus culpados e o termo “abusador” carrega forte carga valorativa negativa e funciona como um rótulo social. A ausência do verbo de ligação “é”, reforça a informalidade do enunciado e é comumente usada em protestos e denúncias. O enunciado produz um efeito de sentido de urgência, pois sabe-se quem é o responsável e o que ele fez.

e) BRUNA SILVA DO DS É RACISTA

Quadro 5 – Análise sintática (norma-padrão)

Elemento da frase	Classificação
BRUNA SILVA DO DS	Sujeito (adjunto adnominal – DO DS)
É	Verbo de ligação
RACISTA	Predicativo do sujeito

Análise sintática segundo a perspectiva funcionalista

“Bruna Silva do DS” é sobre quem enuncia, é o foco da denúncia. O verbo “é” não indica ação, mas descreve um estado, ou seja, atribui uma característica duradoura ao sujeito. O qualificador “racista” representa um rótulo ao sujeito, este passa a pertencer a uma categoria condenável.

Análise semântica

Nomear o alvo da denúncia, com nome e sobrenome, e dizer de onde ele é, produz um efeito de verdade e sensação de urgência. A utilização do verbo de

ligação define o sujeito como racista, é uma característica identitária do indivíduo. O enunciado com nome, sobrenome e local de encontro da acusada, evidencia uma voz marcada pela raiva, com o objetivo de tornar pública a acusação.

f) ORGANIZAÇÃO DA SEMANA DA EDUCAÇÃO 2019 É RACISTA

Quadro 6 – Análise sintática (norma-padrão)

Elemento da frase	Classificação
ORGANIZAÇÃO DA SEMANA DA EDUCAÇÃO 2019	Sujeito
É	Verbo de ligação
RACISTA	Predicativo do sujeito

Análise sintática segundo a perspectiva funcionalista

O sujeito não é um indivíduo, mas, sim, uma organização específica, datada. Ou seja, há uma responsabilidade coletiva da denúncia de racismo. O uso do verbo de ligação traz fator de identidade, sendo assim, este grupo acusado seria, segundo o enunciador, racista.

Análise semântica

A enunciadora denuncia toda uma organização, mencionando seu nome e o ano do ocorrido – isso convoca um julgamento coletivo. O uso do verbo “é” traz um efeito de identidade, não é um fato isolado, mas, sim, uma característica intrínseca da organização. Apontar o nome completo da organização, deixando o “sujeito longo” – formulado em um sintagma complexo –, faz com que seja um ato político, pois além de retratar um problema social sério, há uma relação de poder entre uma organização institucional e seus indivíduos.

g) NO DS TEM PROFESSORA RACISTA!

Quadro 7 – Análise sintática (norma-padrão)

Elemento da frase	Classificação
NO DS	Adjunto adverbial de lugar
TEM	Verbo transitivo direto (verbo

	impessoal)
PROFESSORA RACISTA	Objeto direto

Análise sintática segundo a perspectiva funcionalista

Em “no DS”, temos o local institucional que ocorre o fato relatado pela denúncia. “TEM” é um verbo impessoal, pois está sendo usado no lugar do verbo haver, uso muito comum na linguagem informal. O verbo ter como impessoal marca algo mais fortemente. “PROFESSORA RACISTA” identifica o sujeito do sexo feminino com a identificação de racista.

Análise semântica

Quando a denunciante insere o local “No DS” na denúncia inscrita no banheiro, ela ativa um universo semântico, uma vez que em locais da instituição espera-se ética e responsabilidade. Quando ela afirma que num local da instituição há (usando informalmente o verbo ter) professora racista, há um reforço dessa denúncia, especialmente pela escolha do verbo “ter” ao invés do verbo “haver”. A denúncia especifica que é uma professora, ou seja, uma pessoa com cargo no DS, do sexo feminino, porém não há um nome e sim uma profissão, o que provoca um efeito de suspeita coletiva.

h) BATERIA UFSCAR TÓXICA PRA CARALHO!

Quadro 8– Análise sintática (norma-padrão)

Elemento da frase	Classificação
BATERIA UFSCAR	Sujeito (UFSCar é adjunto adnominal)
TÓXICA	Predicativo do sujeito
PRA CARALHO	Adjunto adverbial de intensidade

Observação:

Há a elipse do verbo “ser” e da preposição “da” no sujeito. O que seria: Bateria da UFSCar é tóxica pra caralho!

Análise sintática segundo a perspectiva funcionalista

“Bateria UFSCar” marca o alvo da crítica. A omissão do artigo traz a ideia de informalidade.

“Tóxica” traz a marca da nocividade, é um adjetivo que carrega o papel da crítica. Apesar da ausência do verbo ser, o termo funciona como predicativo, dando uma característica nata à bateria.

“Pra caralho” é um intensificador emocional, pois intensifica negativamente e de forma pejorativa a marca da nocividade.

Análise semântica

O enunciado transmite espontaneidade e forte cunho emocional. É feita uma acusação coletiva ao especificar o grupo da Bateria. O enunciado soa como um desabafo, pois traz um xingamento, o que acentua a dimensão emocional, além de escolher o termo “tóxica”, metaforicamente usado para indicar que o ambiente é ruim, ou seja, acusa o grupo de produzir um ambiente nocivo.

i) ATLÉTICA É VIOLÊNCIA

Quadro 9 – Análise sintática (norma-padrão)

Elemento da frase	Classificação
ATLÉTICA	Sujeito simples
É	Verbo de ligação
VIOLÊNCIA	Predicativo do sujeito

Análise sintática segundo a perspectiva funcionalista

“Atlética” é o alvo da denúncia.

“É” não tem ação, estabelece a ligação entre o alvo e sua característica intrínseca de violência. Ou seja, o verbo afirma que a violência faz parte da identidade do sujeito.

Análise semântica

A palavra “Atlética” remete a um grupo específico dentro da universidade. Sendo assim, há um sujeito coletivo sendo denunciado. O verbo de ligação “é”

denuncia uma característica intrínseca do sujeito, a Atlético não só cometeu violência, ela é violência.

j) **CA ILEGAL E CARA DE PAU**

Quadro 10 – Análise sintática (norma-padrão)

Elemento da frase	Classificação
CA	Sujeito simples
ILEGAL E CARA DE PAU	Predicativo do sujeito – “e” como conjunção coordenativa aditiva

Análise sintática segundo a perspectiva funcionalista

“CA” é a sigla de Centro acadêmico, alvo da denúncia. Trata-se de uma oração elíptica do verbo de ligação “é”. O termo “Ilegal” aponta uma transgressão; já o termo “cara de pau” traz um julgamento sobre o Centro acadêmico. O conectivo “e” traz a ideia de soma dos traços negativos ao sujeito.

Análise semântica

A sigla “CA” é o alvo da denúncia e traz uma representatividade coletiva dentro da universidade, isto é, os termos de denúncias são relativos ao CA todo. Denunciar ilegalidade acarreta dizer que o órgão infringe regras da instituição. Ao adicionar o termo “cara de pau”, é o mesmo que dizer que o CA além de atuar contra as regras, ainda o faz de forma descarada. A escolha dos termos reforça um sentimento de indignação e um posicionamento diante do silêncio institucional.

4.3 Análise dos enunciados: discursiva

Para iniciar esta análise, primeiro precisamos desconstruir a ideia de discurso aderente de Dominique Maingueneau (2022), já que sua teoria trata de um enunciado contíguo a um objeto, tendo um propósito para este objeto. A contiguidade estabelece uma proximidade entre os elementos da cena enunciativa e implica uma interdependência, ou seja, é como se o discurso estivesse “colado” no

objeto, uma ideia de “colagem” que, em certos casos, parece ocorrer sem questionamentos, configurando um continuum.

Os enunciados trabalhados nesta pesquisa se distanciam do funcionamento típico dos enunciados aderentes. Isto significa que a possível ilusão de transparência, contiguidade e aderência é tensionada, e os discursos são atravessados por ideologias, memórias e silêncios – o discurso não é transparente ou neutro, mas constituído por conflitos, apagamentos e disputas de sentidos. A aderência é desafiada pelas relações de sentido de cada discurso em cada enunciado.

Ainda que possam apresentar traços de enunciados aderentes, esses discursos configuram vozes que clamam por ajuda. Essas mulheres têm suas dores, seus medos e suas lutas interrompidas pelo sistema, por isso uma forma que encontram de “gritar” suas dores e raivas é, muitas vezes, através da segurança do anonimato de uma parede de banheiro.

Embora esses enunciados tenham formas e conteúdos variados, todos compartilham de um mesmo propósito: denunciar alguma violência cometida dentro da instituição. Todas as denúncias foram feitas dentro de um lugar marginal, que apesar de pertencente à universidade, está fora dos discursos legitimados do campus. Mesmo assim, naquelas paredes, há um encontro de vozes silenciadas pelo sistema, é um ambiente não neutro, pois ali há mais do que apenas um aviso de um fato ocorrido, há uma memória que está sendo construída entre aquelas mulheres.

Dentro de um ambiente marginalizado, mas pertencente da instituição, temos discursos paratópicos sendo lançados em ambientes heterotópicos, dando margem a um movimento de resistência. A paratopia é um não-lugar de instabilidade, e a escolha do banheiro, como local enunciativo, pode ser compreendida como um gesto criativo, já que um espaço em que realizamos funções fisiológicas foi utilizado como local de denúncia, memória e rompimento do silêncio.

Naqueles traços que parecem muitas vezes rabiscos, outras mulheres são avisadas dos perigos que podem estar correndo. Mesmo anonimamente, há um ciclo de memórias sendo construídas que podem impactar outras mulheres.

Nesses enunciados, percebemos a raiva inscrita nas paredes dos banheiros femininos. São raivas nomeadas e localizadas em um ambiente que deveria ser de estímulo e ética como condições universais. Mas, às vezes, é ali, dentro da universidade, que ocorrem as maiores violências e, também, movimentos silenciosos de resistência.

Pode-se questionar: como falar em movimentos se essas vozes não ocupam as ruas? Dizemos movimentos, porque naquele espaço a raiva se instaura, pois essas mulheres estão agora informadas, instituídas de um poder silencioso. Elas são convocadas à criação de um laço e de uma memória. Muitos dos dizeres nessas paredes têm respostas de apoio ou repúdio e isso, por si só, já é um início de um movimento informativo que resistirá, mesmo se apagarem as tintas, às memórias dessas mulheres.

5 CONCLUSÃO

Neste trabalho de conclusão de curso, coletamos enunciados escritos nos banheiros femininos dos ATs (blocos de salas de aula) da UFSCar e tentamos responder a seguinte pergunta: como os escritos nos banheiros femininos da UFSCar operam como um discurso marginal e, ao mesmo tempo, como um espaço de resistência e expressão de vozes silenciadas? Esta questão foi respondida, pois esses discursos são não legitimados e são carregados de intenção política e de resistência.

Os discursos tidos como denúncias nessas paredes, fizeram com que vozes submersas no sistema acadêmico emergissem do silêncio em um ambiente não propício e marginal. Isso faz com as mulheres que leem esses dizeres estejam cientes dos fatos denunciados nos banheiros e possam lutar contra os ocorridos. Não necessariamente uma luta braçal e eufórica, mas uma luta silenciosa em que a informação atua como forma de resistência contra esses “infratores” – sejam eles pessoas ou entidades.

As vozes estampadas nas paredes, independentemente de suas formas e conteúdos, compartilham de um mesmo propósito: denunciar alguma violência cometida dentro da instituição. Todo discurso é atravessado por ideologias e memórias; estar num banheiro, como espaço heterotópico de discurso marginal paratópico, permite que essas vozes sejam compartilhadas anonimamente, como um movimento silencioso criado para ir de encontro a um sistema rígido e, muitas vezes, pouco acolhedor.

Nosso objetivo não é difamar a universidade, mas, sim, analisar esses vácuos discursivos que temos dentro de movimentos silenciosos de resistência. Fazendo uma analogia ao texto de Donna Haraway, o banheiro, como espaço heterotópico, pode ser visto como o “corpo do ciborgue” da universidade, ou seja, o banheiro além de ser marginal, é um lugar paralelo à universidade, como um fragmento dela. Temos um espaço universitário válido para denúncias, que aparentemente nem sempre funciona, já que essas mulheres se veem na ânsia de denunciar verdadeiros crimes dentro do campus. Estes pequenos fragmentos da universidade, são muitas vezes um lugar seguro para liberar um “grito” de raiva nessas paredes.

Byung-Chul Han, em sua obra *Agonia do Eros*, usa o termo Eros como uma metáfora da sociedade para o desejo profundo de conexão. Considerando nossa sociedade como o ambiente universitário, temos um ambiente que nem sempre acolhe, que nem sempre conecta. O rompimento desse silêncio imposto é uma voz manifestada do Eros, não como necessidade de exposição, mas como necessidade de vínculo, de criar laços com outras mulheres que também possam estar silenciadas.

Nossa pesquisa teve limitações metodológicas: fizemos análises de doze enunciados em formato de denúncias relacionados à instituição, deixando de lado, devido ao tempo de pesquisa, outros tipos de enunciados; há uma limitação temporal destes enunciados, pois estes podem ser apagados como dados.

Esta pesquisa contribui para o campo de análises discursivas, no sentido em que revela como espaços marginalizados são viabilizados como manifestações de resistências contra vozes silenciadas dentro do ambiente universitário. O banheiro torna-se um local de construção de memórias, denúncias e lutas silenciosas entre essas mulheres – vítimas ou não. Assim, esta pesquisa oferece uma contribuição importante sobre a relação entre silenciamentos, resistências e espaços institucionais, abrindo caminho para outros estudos que envolvam espaços heterotópicos, discursos paratópicos e de resistência.

Uma sugestão de continuação desta pesquisa é aumentar o corpus e analisar também os banheiros masculinos, focando nas diferenças discursivas.

Finaliza-se este trabalho com a expectativa de ter contribuído para a reflexão teórica da área e para ensejar novas análises de resistências e silenciamentos.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, Carlos Alberto; VASCONCELLOS, Victor Hugo da Silva. *A paratopia para além dos discursos constituintes*. In: NASCIMENTO, Jarbas Vargas; CANO, Márcio Rogério de Oliveira; ELIAKIM, Jonatas (org.). *Paratopia*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 270-302.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: [s.n.], 2009.
- EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: nossa fala estilhaça a máscara do silêncio. Entrevista concedida a Djamila Ribeiro. *CartaCapital*, 13 maio 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>. Acesso em: 26 jun. 2025.
- FOUCAULT, Michel. De espaços outros. *Estudos avançados*, v. 27, n. 79, p. 113-122, 2013.
- HAN, Byung-Chul. *A agonia do Eros*. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.
- HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Disponível em: https://cochabambahotel.noblogs.org/files/2017/03/Manifesto_Ciborgue.pdf. Acesso em: 24 jun. 2025.
- IGNÁCIO, Sebastião Expedito. A frase portuguesa: uma visão lógico-semântica e sua estruturação sintática. *Alfa*, São Paulo, v. 30/31, p. 15-35, 1986/1987.
- INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes: uma análise do discurso presidencial da terceira república brasileira (1964-1984)*. Campinas:[s.n.], 1992.
- MAINGUENEAU, Dominique. Argumentação e cenografia. Tradução: Roberto Leiser Baronas e Fernanda Mussalim. In: MUSSALIM, Fernanda; BARONAS, Roberto Leiser (org.). *Língua, texto, sujeito e (inter)discurso: homenagem a Sírío Possenti*. Campinas: Pontes Editores, 2013. p.187-204.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Enunciados aderentes*. São Paulo: Parábola editorial, 2022.
- MAINGUENEAU, Dominique. A análise do discurso e suas fronteiras. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 20, p. 13–37, jan./jun. 2007. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/nucleos/nad/MAINGUENEAU%20-20An%C3%A1lise%20do%20discurso%20e%20suas%20fronteiras.pdf. Acesso em: 18 jun. 2025.
- MARTINEZ, Mônica Miliani; MELO, Lafayette Batista; MORAES, Érika de. *Frases sem texto: da destacabilidade à aforização*. In: VILELA-ARDENGHI, Ana Carolina; BARONAS, Roberto Leiser (orgs.). *Senderos discursivos*. Campinas: Pontes editores, 2023. p. 121-138.

MICHAELIS. Assédio. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ass%C3%A9dio>. Acesso em: 24 maio 2025.

MOURA NEVES, Maria Helena de. *Guia de uso do português: confrontando regras e usos*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

OLIVEIRA, Hélio. Índícios de atopia discursiva no funcionamento do discurso racista. *Revista da ABRALIN*, v. 14, n. 3, p. 371-387, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1226>. Acesso em: 17 jun. 2025.

PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PENHAVEL, Eduardo; GUERRA, Alessandra Regina. Vocativos e o traço “basicamente orientador da interação” na gramática textual-interativa. *Revista Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 16, n. 44-45, 2013. Disponível em: <https://www.revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/607>. Acesso em: 21 jun. 2025.